

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise de três músicas do grupo de *rap Brô MC's* da cidade de Dourados (MS) e está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, fazemos uma conceitualização de Literatura clássica e Literatura Marginal, segundo Santiago (2000) e Miranda, (2011), falamos também da questão da crise de Identidade segundo Hall (2006) e em seguida discorremos um pouco da História dos indígenas Guarani/Kaiowá (G/K) da cidade de Dourados (MS). No segundo capítulo, fazemos uma entrevista com o grupo de *rap Brô MC's*, na qual eles relatam como iniciaram a sua carreira musical e como levam a vida na Aldeia e fora dela depois de terem gravado seu primeiro CD no ano de 2009 em parceria com o grupo *Fase Terminal*. No terceiro capítulo analisamos as letras *Eju Orendive*, *No Yankee* e *Terra Vermelha* relacionando-as com a Literatura, a Literatura Marginal e a Literatura Pós Moderna.

CAPÍTULO I - LITERATURA E LITERATURA MARGINAL

1.1 Literatura Clássica

O conceito de literatura é controverso. Há várias definições sobre o termo. A palavra Literatura deriva da palavra latina *littera* – “letra” uma palavra de origem latina, o termo Literatura no latim significa letra. Embora a relação da palavra com letra, a literatura teve seu início marcado pela oralidade.

Quando dizemos que o seu meio de expressão é a palavra, ultrapassamos o significado etimológico de literatura, que deriva do latim *littera* – “letra” – e parece referir-se, portanto, de modo primordial, à palavra escrita ou impressa. Contudo, muitas civilizações, desde a grega antiga à escandinava, francesa e inglesa, produziram importantes tradições orais inclusive, extensos poemas narrativos como a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, as sagas islandesas e o *Beowulf* anglo-saxônico foram, presumivelmente, cantados ou entoados por rapsodos e bardos profissionais, séculos antes de terem sido passados a escrito. Para que possa abranger essas e outras obras verbais, é útil considerar a literatura uma arte verbal, *lato sensu*, deixando em aberto a questão sobre se as palavras são escritas ou faladas. www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/danziger.doc. Acesso em 23 de jul de 2014.

Diversos tipos de produções literárias estão presentes em nosso cotidiano como a poesia, a prosa, o romance, o de cordel, dentre outras. Esses diversos gêneros são estudados no escopo da disciplina Literatura, um campo do saber, para o qual têm sido trazido vários estudos sobre a arte da palavra, a arte de falar do mundo de maneira indireta, porém significativa. Esses conhecimentos são ensinados nas escolas e universidades, sendo valorizados como maneira de compreender a capacidade criativa dos autores e autoras. A literatura, contudo, não pode ser definida somente como figuração da realidade, mas como uma maneira possível de gerar conhecimento do mundo.

[...] a literatura como forma de conhecimento potencial e a imagem (seu principal elemento construtivo em relação às outras ciências cognitivas) o meio de atingir e despertar um saber adormecido do passado. Tal saber é arrancado de seu contexto (seu texto original, seu espaço sagrado que a história legou) por uma explosão (o movimento da formação da imagem) e trazido para o presente como uma imagem dialética, ou seja, uma imagem (mônada ficcional) mediada entre o real e o imaginário. Tais imagens estão presentes, sobretudo, nas ruínas que a história linear produziu e deixou à margem do progresso (talvez, uma forma revigorada da ascese platônica, que, por sua vez, expulsou o poeta-linguagem de seu Ideal de verdade). Tais resíduos são recuperados e trazidos como potencial, promessa de felicidade, pois não se realiza na plenitude de sua extensão. Recupera-se justamente sua intensidade, desde sempre internalizada no fato contínuo e traduzida pela literatura como imagem potencial e produção de conhecimento (MAIO, 2012, p.2).

A literatura como arte ou como fonte de conhecimento tem uma definição canônica

como a encontrada em *Harold Bloom* (2001), por exemplo, que entende literatura como textos clássicos produzidos por autores renomados como, *Dante, Chaucer, Cervantes, Montaigne, Shakespeare, Goethe, Wordsworth, Dickens, Toustói, Joyce, Proust, Petrarca, Rabelais, Ariosto, Spencer, Bem Jonson, Racine, Swift, Rosseau, Blake, Pushkin, Melville, Giacomo Leopardi, Henry James, Dostortésvsk, Hugo, Balsac, Nietzsche, Flaubert, Baudelaire, Browning, Checov, Yeats, D.H. Lawrence* entre outros. Autores que produziram obras denominadas universais por terem abordado temas comuns a todos os seres humanos, formatados em textos que seguem regras linguísticas e narrativas rígidas. Esses textos servem de modelo e parâmetro para se julgar o que pode ou não ser considerado literatura, como os textos produzidos pelo maravilhoso *Shakespeare*, um dos mais importantes escritores da Inglaterra, segundo *Bloom* que o considera como centro da literatura canônica britânica.

Não há substituto para Shakespeare, nem mesmo no punhado de dramaturgo, antigos e modernos, que podem ser lidos ou interpretados com ele ou contra ele. Quem se iguala as quatro grande tragédias de Shakespeare? Nem Dante, como confessou James Joyce, tem a riqueza dele, o que significa que a leitura de personagem parece infinita em Shakespeare, mas também sugere que as trinta e oito peças e sonetos que as acompanham formam uma descontínua Comédia Terrena muito mais abrangente do que a de Dante, e inovadoramente livre da alegoria dos teólogo de Dante. A multiplicidade de Shakespeare excede de muito a de Dante ou Chaucer. O criador de *Hamelet* e *Falstaff*, *Rosalinda* e *Cleópatra*, *Iago* e *Lear*, difere em grau e em gênero (BLOOM, 2001, p.59).

1.2 Literatura Marginal

O conceito canônico de literatura, contudo, nunca foi uma unanimidade entre críticos e escritores dos mais variados gêneros. Apesar de o conceito canônico de literatura ter sido hegemonicamente usado em escolas e universidades, sempre houve aqueles que fizeram críticas e propuseram outros conceitos ou tentaram ampliar o conceito canônico.

Atualmente, as críticas aos limites impostos pelo conceito canônico de literatura tem se intensificado e muitas reflexões sobre o assunto tem gerado conhecimentos e consequentemente outros entendimentos sobre a arte da palavra. Hoje, o substantivo literatura tem sido acompanhado do adjetivo marginal ou periférico.

Podemos entender a literatura marginal ou periférica, como uma literatura que vem representar as vozes excluídas da sociedade, ela tem como objetivo, preservar a cultura, e reconstruir a memória daqueles que estavam em situação de invisibilidade social e cultural, são vozes que lutam pela construção da cultura da periferia. Essa literatura é produzida na própria periferia, onde o autor cria suas letras partindo da realidade em que vive. Essa literatura caracteriza-se por fazer críticas sociais ou reivindicações, através das letras cantadas

nessas músicas (MIRANDA, 2011, p.1). A literatura marginal não segue regras de construção, mas se manifesta a partir da necessidade de dar sentido a vida e da força criativa do ser humano que espontaneamente aborda os temas da vida cotidiana vivida pelas minorias. Dessa maneira, a arte da palavra flui, formando um corpo significativo, motivado mais pelas lutas diárias do que por regras linguísticas e por narrativas lineares. A cotidianidade das minorias são marcadas por necessidades geradas pelo sistema econômico injusto e pela opressão das forças dominadoras que impõem condições desfavoráveis à minorias em termos econômico e psicológicos. Isto gera a matéria que será usada na literatura marginal, como ressalta Santiago:

(...), a questão das minorias apresenta dupla configuração: tem vigência na história (do Ocidente e, em particular do Brasil, e é atual (reinvindicação de direitos e de liberdade por parte de grupos sociais, autenticados pelas reflexões modernas no campo das ciências humanas). Ela é história no momento em que se ativam as forças neutralizadoras ou recalçadas pela sociedade branca e patriarcal brasileira; é atual quando deixa vir a tona os termos ligados as microestruturas de repressão moderna. Em suma, a questão das minorias é o reverso da medalha do autoritarismo. De um lado, basicamente, a questão do índio e do escravo negro na civilização ocidental, bem como a da mulher na sociedade machista; do outro, a questão dos homossexuais dos loucos e dos ecólogos, e de todo e qualquer grupo que se sinta agredido ou reprimido nas suas aspirações e justiça econômica, social ou política. (SANTIAGO, 2002, p.41)

A literatura marginal, contudo, não se caracteriza somente pelos temas sociais, como literatura engajada, mas também pelo uso de uma enormidade de signos que vem das mais diversas culturas por causa da globalização e os dos meios avançados de comunicação. Esse conceito de literatura está relacionado com o momento histórico que estamos vivendo que para muitos tem sido denominado Pós-modernidade. Esse período histórico tem sido marcado pela circulação de bens culturais, misturas de culturas e por sujeitos que convivem com essa mistura. O grupo de *rap Brô MC's*, é um exemplo de sujeitos pós-moderno, sujeitos de identidades múltiplas que aderem a outras línguas, símbolos de outras culturas para designar construir suas identidades flexíveis no encontro de duas cultura e nessas mesclas elaborar suas músicas. Nessa perspectiva, Hall afirma que:

[...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentes as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais [...](HALL, 2006, p.12).

A Literatura Marginal têm uma linguagem produzida naturalmente, nas histórias contadas por nossos avós, e acontece também nas contações de histórias e nas músicas de rodas. Ela está presente quando as crianças inventam histórias, quando os meninos montam em cavalo de pau se sentindo heróis e as meninas se sentindo princesas. Essa literatura vem representar os pobres e os oprimidos, ou seja, aqueles que vivem a margem da sociedade, essa linguagem é utilizada para falar das condições que vivem as periferias como no caso dos Brô MC's que relatam a história do seu povo falam da violência que existe na Aldeia, da luta pela terra entre índios e fazendeiros, mas, não deixam de ressaltar que na aldeia também existem coisas boas como a arte no barro, a produção de cestos, redes, colares e imagens de infância geradas pela arte da palavra. Na cultura G/K, se aprende ouvindo histórias, justificativas do encontro entre os seres humanos e entidades sobrenaturais contadas por meio de uma língua poética, a língua guarani, uma língua elaborada para se produzirem efeitos de sentido na oralidade.

No caso dos Brô MC's vários temas são abordados como a própria religião ou a influência que ela tem sobre os indígenas. Através de suas músicas e de suas artes demonstram que a aldeia tem um grande compromisso em preservar a sua cultura. Nota-se que ela tem uma relação direta com a poesia, o samba, o *funk* e o *rap*, para citar apenas alguns exemplos, porque tornam se um lugar para onde vem esses elementos de outras culturas.

1.3 Rap e Literatura Marginal

A cultura *hip-hop*, teve o seu início marcado no Brasil por volta dos anos de 1970, vinda dos Estados Unidos, o movimento pode ser considerado uma cópia do modelo americano, mas pouco a pouco, foi sendo (re) constituído para atender aos anseios dos indivíduos que inseridos em outro contexto, precisavam adequá-lo as especificidades locais.

O *hip-hop* é considerado, desde a década de 80 do século passado, como movimento cultural juvenil, que atrai jovens moradores das periferias pobres das metrópoles para expressarem o descontentamento pelas problemáticas condições de vida a que estavam submetidos. Para Miranda, o rap é composto pelos seguintes elementos:

O *rap* (a música), o *break* (é a dança *hip-hop* e nela o *b-boy* faz movimentos ritmados nos quais os membros do corpo são harmoniosamente contorcidos e articulados à dinâmica coreografia, que envolve pirueta no solo – “passinho”), o *graffiti* (a arte gráfica – caracterizada pela pichação feita em construções do cenário

urbano, que podem ou não apresentar uma crítica social), o *rapper* (também chamado de *MC – Mestre de Cerimônias* - que é um misto de cantor e compositor, podendo não necessariamente ocupar estas duas posições), o *b-boy* (já foi referência para o freqüentador em geral, mas atualmente é utilizado com freqüência para designar o dançarino de *break*) e o *DJ* (o responsável pela mixagem, pelos arranjos musicais, que junto à fala do *rapper* compõem parte da intensidade da performance) (MIRANDA, 2011, p.3).

O *rap* caracteriza-se como uma música que fala do cotidiano das pessoas sendo elas das periferias pobres, e que tem como finalidade protestar, falar dos problemas existentes na periferia de forma cantada e criativa, embora seja uma literatura produzida na periferia possuem elementos de grande relevância para a literatura como a poesia, a rima a melodia, a harmonia, o ritmo e a mixagem.

O *rap*, a língua portuguesa e espanhola, as roupas, a dança, e tantos outros elementos de outras culturas fazem parte hoje da vida na aldeia, onde os Brô MC's foram criados. É com essa matéria que, como veremos mais adiante, fazem sua obra de arte, sua literatura que chamaremos de marginal.

CAPÍTULO II - OS INDÍGENAS GUARANI/ KAIOWÁ

Segundo Gressler e Swensson (1988) , no Estado de Mato Grosso do Sul, antes do advento do colonizador “branco”, as terras que hoje pertencem ao Município de Dourados, eram habitadas principalmente pelas grupos étnicos Guarani e Kaiowás, cujos descendentes estão espalhados por todo o estado, inclusive nas reservas indígenas, localizada ao lado do perímetro urbano de Dourados, Jaguapiru e Bororó. Essas aldeias foram fundadas como *Posto Indígena de Dourados em 1925*, quando o inspetor Major Nicolau Horta Barbosa começou a demarcar sua área, tendo em vista o Decreto n.º401, de 3 de setembro de 1915.

Art.1.º_ Fica reservada, no Município de Ponta Porã e para a colônia de índios do distrito de “Dourados”, uma área de terras de 3.600 hectares, confinando pelo sul, com o córrego “Saltinho”, que separa outra área reservada para o patrimônio de “Dourados”, e as mais confrontações com terras devolutas situadas nas matas de “São Domingos”. (Gressler &Swensson, 1988, p.48)

Apesar de terem o título definitivo de propriedade expedido em 21 de outubro de 1965, o registro só aconteceu em 14 de dezembro no mesmo ano e com 61 ha a menos do que o previsto pelo decreto 401/1915.

Por volta dos anos de 1915 e 1928, o governo Federal demarcou oito pequenas extensões de terra para usufruto dos indígenas G/K, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os diversos núcleos populacionais dispersos em amplo território ao sul do atual Estado de Mato grosso do Sul. Essas reservas, demarcadas sob a orientação do Serviço de Proteção aos Índios, SPI, constituíram importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e consequente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não- indígenas. (BRAND, 2004, p.138).

De 1980 até a presente data, os Kaiowá e Guarani recuperam 10 novas áreas, perfazendo um total de 21.211 ha, hoje já devidamente demarcadas e de posse dos índios. E de outra parte, outras 10 áreas seguem em processo de recuperação, sendo que aos índios, em alguns casos, ocupam pequenas parcelas da terra pretendida. Segundo levantamentos (Brand, 1997, FUNASA/MS e Agência Formadora/Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul), a relação hectares de terras e população nessas oito reservas é a seguinte: Dourados, com 3.530 há e 9.062 habitantes, Caarapó, com 3.548 há e 3074 habitantes, Amambai com 2.429 ha e 4794 habitantes, Limão Verde com 688 ha e 790 habitantes, Takuaperí, com 1886

ha e 1939 habitantes, Sessoró, com 1932 ha e 1834 habitantes, Porto Lindo com 1648 ha com e 3043 habitantes, Pirajuy, com 2188 ha e 1538 habitantes.

A justificativa leva a crer que a implantação da reserva seria um benefício aos índios, dando a entender que o decreto contribuía para que os índios voltassem a ter o seu território, já que grande parte deles se encontravam espalhados pela cidade dispersos de seu grupo desde o período da Guerra do Paraguai (1864-1870), e economicamente desde o início da exploração comercial da erva-mate. No entanto, essas medidas buscavam preparar terreno para atrair não índios para essa região e dessa maneira possibilitar a expansão capitalista, e povoar as áreas de fronteira.

Os G/K são dois grupos étnicos que se percebem como diferentes. No entanto, há várias semelhanças entre eles como a língua, a organização social, o modo de produção e comungam também das mesmas premissas básicas. Os G/K se organizam em famílias extensas, um grupo macro familiar, comanda por um casal, pais de linhagem o *Tamöi* (vovô), a *jaryi* (vovó). Essas famílias se associam em relação de parentesco e politicamente, formando grupos maiores, pessoas que consideram a mesma “gente” e usam a mesma autodenominação. Os dois grupos étnicos também falam variações da língua guarani (CREPALDE, 2004).

Os G/K tradicionalmente, residiam em aldeamentos que abrigavam uma família extensa (unidade compostas de duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laços consanguíneos ou de afinidade), morando em ranchos cobertos de folhas de pindó ou sapé, espalhados pelo mato, ou seja, os aldeamentos aglomerados, como as aldeias atuais, não existiam. Essas famílias extensas eram unidades econômicas autosuficientes.

Politicamente falando, os G/K sempre foram representados por lideranças políticas e religiosas. Os líderes das famílias extensas têm um papel muito importante. Ele representa o seu grupo na hora da intermediação entre G/K e não índios e é o ponto de apoio para resolver problemas materiais e espirituais.

Um dos primeiros Kaiowás a ocupar a reserva indígena de Dourados foi Marcelo Isnard descendente de Ireno Isnard que ocupou o cargo de capitão. Marçal de Souza Tupã-y Guarani também foi um grande exemplo da interação entre índios e não índios e lutou até a morte na defesa dos direitos dos G/K.

Segundo o Censo IBGE 2010, a população total de indígenas no município de Dourados é de 6.830 índios, e, atualmente, o Estado de Mato Grosso do Sul é o Estado brasileiro que possui a segunda maior população indígena do Brasil.

Os G/K são agricultores, plantam milho, mandioca, feijão, além disso eles têm o

hábito de fazer redes e cestos, muitos deles lutam para manter sua cultura, fazem o possível para não perder seus costumes, sua língua e suas tradições.

A aldeia de Dourados ou reserva Indígena de Dourados, como nós a conhecemos hoje, é fruto da política indigenista do Estado Brasileiro, implantada com a criação, em 1910, do SPI-Serviço de Proteção ao Índio, depois sucedido pela FUNAI-Fundação Nacional de Assistência ao Índio criada em 1973.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) é um órgão criado pelo Governo Federal para a defesa das terras indígenas e tentar promover, de alguma forma, a melhoria da situação econômico-social das diversas comunidades, com assistência médica e educacional.

Na reserva, vivem também os Terenas, grupo étnico que linguística e culturalmente pertencem ao tronco aruaque. Sua área de origem é o Chaco Paraguaio, tendo chegado a Mato Grosso no princípio do século XIX, estabelecendo-se na região dos rios Miranda e Apa. No período da guerra do Paraguai, muitos terenas combateram ao lado de brasileiros e, em decorrência da guerra, a tradicional organização social desintegrou-se. Dispersando e vivendo em fazendas, os terenas só voltaram a se reagrupar quando da criação das reservas indígenas.

A população mais jovem de terenas que vive na reserva gosta de participar da cultura envolvente, trabalhando em vários setores do comércio e da indústria e como produtores agrícolas. Isto não quer dizer, no entanto, que perderam sua identidade étnica, mas que são indígenas desse momento históricos, construindo suas identidades no contato entre culturas.

Mesmo com a ajuda da Funai, as comunidades sul-matogrossenses passam por uma situação difícil. Das 42 reservas atuais, apenas 28 são demarcadas. E os que têm suas reservas demarcadas enfrentam problemas como vegetação nativa destruída, água poluída, terras de má qualidade ou esgotadas, todos esses fatores os impedem de praticar suas atividades tradicionais.

Com o passar dos anos, devido a miscigenação, o multiculturalismo e a globalização, os índios foram construindo sua cultura como elementos de sua cultura tradicional e elementos de outras culturas, hoje podem ser considerados sujeitos desse momento histórico que devem lidar com tecnologias, usam emails, facebooks, frequentam uma Universidade, coisa que antes não podiam.

Os índios da Reserva Indígena de Dourados, hoje faz parte de uma sociedade pós-moderna, já ficou para trás a época em que os índios viviam em suas ocas, caçavam, pescavam, e não comiam sal, estes índios fazem parte do século passado. Hoje, na Reserva Indígena de Dourados os indígenas quase não caçam e também não pescam, já comem sal e fazem coisas que antes não faziam, usam símbolos de outras culturas. Isto leva a sociedade

envolvente os perceberem como índios que perderam a identidade; no entanto, são indígenas desse momento histórico, construindo suas identidades na diversidade cultural. Stuart Hall ajuda a compreender a construção dessa identidade na multiculturalidade.

[...]A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall,1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas[...] (HALL, 2006, p.13).

Na periferia da reserva indígena de Dourados, encontramos uma literatura representada pelas letras de músicas dos *Brô MC's*, um grupo de *rap* da aldeia que fazem de sua arte uma maneira de dar voz aos índios e representar o seu povo na luta pela melhoria das condições econômico-sociais da aldeia. As músicas dos *Brô MC's*, representam a realidade que a aldeia vive, eles relatam os conflitos sociais enfrentados pelos índios e fazendeiros usando suas músicas como instrumento para reivindicar e protestar a favor de seus direitos. Esse tema é abordado com muita criatividade e mistura elementos de culturas e línguas diferentes para deixar fluir a harmonia, a rima, e a poesia.

2.1 Os Guarani/Kaiowá e a Literatura Marginal

A oralidade é uma das características da literatura marginal, os guarani/Kaiowás por meio de suas tradições se expressam através da oralidade, preservando assim a sua cultura através de rituais, contos e mitos. E essas características estão presentes nas letras de músicas dos *Brô MC's*, quando eles usam a música como instrumento de reivindicação para expressar a sua realidade através do canto.

O grupo de *rap* é composto por quatro integrantes, Clemerson Batista, Charlie Peixoto, Bruno Veron e Kelvin Peixoto. Eles nasceram e cresceram na Reserva Indígena de Dourados MS, todos pertencentes à etnia G/K, moram atualmente na aldeia lugar onde trabalham e estudam.



Clemerson Batista, Charlie Peixoto, Bruno Veron e Kelvin Peixoto
Foto: Goldemberg Fonseca, 2011

Segundo Bruno Veron, o vocalista do grupo, tudo começou quando ele tinha 8 anos de idade, surgiu um certo interesse pelo estilo musical que começou a ouvir. O grupo que inspirava Bruno e o levou a gostar de *rap* foi “*Fase Terminal*”. Grupo esse que acabaram por gravar um CD juntos no ano de 2009 na Aldeia. O grupo de *rap* pertence a um projeto desenvolvido na Aldeia chamado “Jovens Conciêntes”, este projeto é fruto de uma oficina de *Rap* realizado em 2009 na Aldeia Indígena Jaguapirú Bororó localizada em Dourados-MS. Onde os jovens indígenas utilizam o *Rap* como instrumento para retratar suas realidades e divulgar sua cultura para o mundo. A gravação do CD Demo do grupo Brô MC’s é um projeto experimental que visa dar voz aos anseios e luta dos povos indígenas G/K, bem como de todas as etnias do Brasil. As letras das músicas são compostas por todos. Eles sentam e cada um compõe um pouco, ao final todos cantam juntos.

O grupo já é conhecido não só na Aldeia em Dourados, mas viajam sempre para outros lugares onde conhecem novas Aldeias, cidades, e outros Estados. Eles também já gravaram vários vídeos que inclusive estão disponíveis na internet. Eles já compuseram mais de 30 letras de músicas, mas somente 08 foram gravadas. O CD que foi gravado em 2009 é composto por 08 músicas. O grupo faz muito sucesso na Aldeia.

As músicas mais cantadas por eles são: *Eju Orendive*, *Terra vermelha*, e *No Yankee*, essa terceira foi feita em parceria com o grupo “*Fase Terminal*”.

Atualmente eles estão completando o Ensino Médio, e relatam que a escola é um lugar onde eles aprendem muito. A literatura na escola, os influenciou e ainda influencia muito na questão da busca pela leitura e escrita. Bruno diz que gosta muito de ler tudo, jornais, revistas e livros, um de seus autores preferidos é “Renan Inquérito” que aborda o tema *rap* das periferias.

O nome do grupo *Brô MC's* derivou da Língua Inglesa, *Brô* vem de *Brothers*, (irmãos) na língua inglesa. O primeiro CD do grupo foi gravado em 2009, este projeto é fruto de uma oficina de *Rap* realizado em 2009 na Aldeia Indígena Jaguapirú Bororó localizada em Dourados-MS. Onde os jovens indígenas utilizam o rap como instrumento para retratar suas realidades e divulgar sua cultura para o mundo.

Além de estudante do Ensino Médio, o vocalista do grupo, Bruno Veron, trabalha numa escola Indígena, onde atua como professor da Língua Guarani e diz que tem muito orgulho de ser índio e de morar na Aldeia.

Segundo uma entrevista concedida ao jornal *Dourados News*, (2014) o grupo de *rap* possuem mais de 30 músicas de autoria própria, e já apresentaram suas músicas em aldeias, Universidades e escolas de vários Estados brasileiros. As músicas chamam a atenção por mostrar a realidade presente no cotidiano dos integrantes dentro da Reserva Indígena da segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul e também pela mistura da língua guarani com a língua portuguesa.

Na entrevista percebe-se que o grupo pode ser considerado destaque nacional, pois já tiveram participação no programa da Xuxa, na TV Globo e se apresentaram na cerimônia de posse da presidenta Dilma *Rousseff* em (2011). Na entrevista concedida na Reserva de Dourados, eles falaram não só sobre a formação do grupo, mas também sobre os problemas enfrentados dentro das aldeias locais, porém, com ressalvas. Eles dizem que na Aldeia também temos coisas boas para mostrar.

Eles também tiveram que encarar o preconceito, pois, quando o programa foi exibido, uma jovem acabou fazendo alguns comentários no *facebook*, mas segundo Bruno eles já se encontravam preparados para lidar com isso, e segundo ele, de maneira alguma, eles se sentiram para baixo, muito pelo contrário ficaram mais motivados a fazer músicas.

O grupo também se referiu ao trabalho, na maioria das vezes, pesado realizado pelos indígenas fora da reserva. Eles comentam que “São índios que movimentam o bolso do patrão lá fora”.

Segundo Bruno, o grupo compõe as letras, buscando inspiração nos fatos que acontecem na aldeia mesmo, quando presenciam alguma situação ou escutam histórias contadas pelo próprio povo não só dessa aldeia, mas de outras também. As letras das músicas retratam a realidade deles.

Ainda segundo entrevista concedida pelo Brôs, ao jornal, Bruno diz que existe uma grande diferença entre a Aldeia de Dourados e a Aldeia de São Paulo que eles visitaram: além da diferença na língua eles também têm as suas casas feitas de bambu e de palmeira, que seria

o tradicional para a preservação da cultura guarani. Ele diz que aqui algumas casas já são feitas de tijolos, enquanto lá a Aldeia de SP ainda tem mata, floresta tropical o que aqui já não vemos mais.

O grupo *Brô MC's* também se preocupa com a preservação da natureza. Dizem que a mata faz falta, porque o índio depende dela para sobreviver, os mais velhos falam que a nossa terra é a nossa mãe e nosso pai, porque ela que dá tudo para nós, alimento, vestimentas. E agora não vemos mais isso, se o índio vai tentar buscar alimentos, vestimentas e trabalho o único lugar que temos seria a cidade conhecida por eles como “Selva de Pedras”.

A realidade do índio mudou muito hoje, como eles não têm mais florestas, eles não têm mais como buscar a fruta, pescar ou caçar. Tudo isso agora eles buscam na cidade, onde também buscam o emprego.



Foto: Sandra Samudio Rodrigues, 2014

Ainda na entrevista concedida ao jornal *Dourados News*, Kelvin diz que no tempo de seus avós existiam muitos animais que eles comiam, agora não há mais. As pessoas também não precisavam trabalhar, porque quando tinha a selva, ela dava tudo para nós, mas com a destruição da natureza a gente não têm mais florestas e os índios são obrigados a trabalhar para se sustentar. Hoje a terra está praticamente sem roupa, porque a roupa dela é a floresta.

Segundo Bruno, hoje em dia, o índio tem que se preocupar com os estudos. Ele diz que é o único meio de ser alguém na vida, procurar entrar numa faculdade, se não, não temos como viver. Ele diz que “os brancos” usam câmera, celular e internet para se comunicar, mas se é brasileiro ele nunca deixa de ser brasileiro. O índio é a mesma coisa, se está usando uma roupa, um celular nós mesmos se estamos cantando *rap*, nós não perdemos a nossa cultura, só estamos usando um equipamento uma ferramenta.”(ROSA, 2014, p.5)

Com a suas músicas, os *Brô MC's* têm o objetivo de mostrar que os índios não são aquelas imagens que a maioria das pessoas veem, que a aldeia é uma mata fechada, que ali

habitam onças, que o índio ainda veste tanga, usam flechas e que falam somente a sua língua. O índio hoje vive uma realidade bem diferente de tudo isso, mas a visão que alguns não índios têm é aquela que o índio vive isolado como os da Amazônia, ainda com suas músicas o grupo relata o conflito entre o índio e o branco.

A aldeia de dourados, ao contrário do que muitos pensam, é um lugar tranquilo para se viver diz Bruno. Ele tem 23 anos, nasceu na Aldeia e tem muito orgulho de viver e representar o seu povo, não só a *Jaguapiru* e *Bororó*, mas também outras Aldeias. Bruno diz ainda que a aldeia não é um lugar tão violento e perigoso como muitos pensam. Muitas coisas que acontecem na Aldeia também ocorrem em outros lugares, mas tudo isso devido ao consumo de bebidas alcoólicas e drogas que acabam gerando todos os problemas inclusive o homicídio e o suicídio que é o que relatamos em nossas letras, mas não só as coisas ruins, relatamos coisas boas também. A reserva é um lugar tranquilo de se viver, é um lugar sossegado sem poluição, sem barulheira e céu azul.

Bruno diz que algumas coisas poderiam melhorar sim, como a segurança, o controle da entrada de drogas, que é um grande problema na Aldeia e que está prejudicando muito os jovens, pois são os que mais fumam, controlar também a venda da bebida alcoólica.

Ainda, na entrevista Bruno diz que pelo fato de existirem muitas casas sendo construídas de tijolos na Aldeia, ela passa a ser considerada periferia por não serem mais construídas do modo tradicional. Uma vez que a aldeia não tem mais condições de sustentar os seus povos, 50% dos indígenas estão trabalhando na cidade, são pedreiros, serventes de construção civil, trabalham também em bancos e supermercados, muitos têm celular, usam o *facebook* e têm até *smartphone*.

A comunidade indígena, no entanto, preserva costumes tradicionais, pois na reserva há muitos agricultores, existem casas de rezas, a comunidade ainda trabalha fazendo os artesanatos com o barro, os acessórios indígenas como a flecha e o colar.



Artesanato produzido pelas etnias G/K de Dourados-MS

Foto: Cristiane Rodrigues 2014.

Na entrevista, concedida para o jornal *Dourados news*, o grupo de *rap* deixa bem claro que não tem a intenção de ofender ninguém, o que eles expõem em suas letras é a pura realidade, é o que realmente acontece em suas aldeias e em outras também, mas a questão para eles não é comprar briga com ninguém. Eles dizem que cabe ao Governo Federal decidir a questão das terras entre índios e fazendeiros.

A arte dos Brôs está vinculada também a um projeto de *Rap* realizado em 2009 na Aldeia Indígena *Jaguapirú Bororó* localizada em Dourados (MS). Onde os jovens indígenas utilizam o *Rap* como instrumento para retratar suas realidades e divulgar sua cultura para o mundo. Essa aprendizagem acabou gerando, a gravação do CD Demo do grupo *Brô MC's*, um projeto experimental que visava a dar voz aos anseios e lutas dos povos indígenas G/K, bem como de todas as etnias do Brasil.

CAPÍTULO III

UMA ANÁLISE DAS LETRAS DE MÚSICAS DOS BRÔ MC's

Neste capítulo serão realizadas análises de três músicas do grupo de rap *Brô MC's*, *Eju Orendive*, *No Yankee e Terra Vermelha*. Objetiva-se com as análises fazer considerações sobre a obra do referido grupo como uma manifestação artística literária.

3.1 Análise da música *Eju orendive*

Eju Orendive

Venha com nós

Ape Che rap ndopai

Aqui meu rap não acabou

Ape Che rap oñembyrü

Aqui meu rap está apenas começando

Ajapo pro amor erendu faz favor oime ñande jara pópé

Eu faço por amor, escute por favor, está nas mãos do Senhor

Naiméi ajuka Che ajerure ñande jara pe o mehendy hanguã

Não estou para matar, sempre peço a Deus que ilumine seu caminho

Nde rape há Che rape

E o meu caminho

Ndai kua' ai mbae' pa ohasane akãnpe, o grau da sua maldade ndaiku' ai

Não sei o que se passa na sua cabeça, o grau da sua maldade eu não sei

mbaepa repensa, povo contra povo ndokatui, emopuã ne akã nde ne resaron

Parei para pensar, povo contra povo não pode se matar, levante sua cabeça Se você chorar

ndaivairy. Nande jara aveakje hase oinumpa jave chupê

Não é vergonha Jesus também chorou, quando ele apanhou

Che aguãhe a rima no rap guarani há kaiowa, nde ndokatui remanha remanharon Che rehe mbaeve nderehechai

Chego e rimo rap Guarani e Kaiowá, você não consegue me olhar e se me olha não consegue me ver

Rehechai ape rap guarani o guâhe perendu há quã, ara ete orera arô jpeagui eju orendive

Aqui é o rap Guarani que está chegando para revolucionar, o tempo nos espera, estamos chegando, por isso venha com nós

(Refrão)

Che ro henoí e ju orendive

Nos te chamamos para revolucionar

Venha com nós nessa levada

Che ro henoí eju orendive

Nos te chamamos para revolucionar

Aldeia unida mostra a cara.

Jaha ñande Kuera jaguata

Vamos todos juntos no rolê

Jaha ñande jarya

Vamos todos nós ser felizes

Jaha já chuka, karaipe ke Che há hae ome`é jaiko porá.

Vamos mostrar para o branco que eu e você podemos viver em paz

Nde rehasarô Che yperehe re mañarai cherehe, ha koanga che aime ro representa, ha koanga ape roime.

Quando você passa por mim, você olha feio, agora estou aqui para representar e estamos aqui

Ape avakue oreko o sonha haguã koanga aporãnduta ndeve mbaeguiã ñande já juka há ñamano, upea ariore roporahei

Aqui o índio é sonhador, agora vou te perguntar porque que a gente vive matando e morrendo em cima disso a gente canta

Ava há ava ojejukaramo umi karai kuera opuka ñande rehe umia kausa Che aime ko ape ro defender naguã, upeagui eju orenduve

Índios, índios se matando e os homens branco dando risada por causa disso que estou aqui pra defender, por isso venha com nós!

(refrão)

Che ro henoi e ju orendive
 Nos te chamamos para revolucionar
 Venha com nós nessa levada
 Che ro henoi eju orendive
 Nos te chamamos para revolucionar
 Aldeia unida mostra a cara.

Abordar temas sociais é uma característica da literatura marginal, os grupos minoritários usam a literatura como uma maneira de discutir problemas sociais. A literatura marginal aborda os problemas enfrentados na periferia e, no caso em tela, os *MC's* abordam as questões sociais da cotidianidade na reserva como demonstram os seguintes trechos da música que falam dos conflitos internos entre os indígenas: *MBA'e repensa, povo contra povo ndokatui* (povo contra povo não pode se matar), remetendo às lutas que os indígenas tem enfrentado). *Ape avakue oreko o sonha haguã koanga aporãnduta ndeve mbaeguiã ñande já juka há ñamano, upea ariore roporahei*(Aqui o índio é sonhador, agora vou te perguntar porque que a gente vive matando e morrendo em cima disso a gente canta) *Ava há ava ojejukaramo umi karai kuera opuka ñande rehe umia kausa Che aime ko ape ro defender naguã, upeagui eju orendive*(índios se matando e os homens branco dando risada por causa disso que estou aqui pra defender, por isso venha com nós!).

Além dos conflitos internos, a música fala também dos conflitos entre indígenas e não índios, sobretudo da indiferença e ignorância dos não índios em relação à Aldeia. *Che rehe mbaeve nderechai* (Você não consegue me olhar E se me olha não consegue me ver) *Ape rap guarani o guãhe* (Aqui é o rap guarani que esta). Apesar de a aldeia estar praticamente dentro da cidade, os não índios a desconhecem. Não sabem da realidade dos indígenas e dos seus problemas e dificuldades ou até mesmo de seus valores étnicos e culturais. De modo geral, a sociedade “branca” desconhece as variedades de etnias existentes na aldeia e que cada etnia tem suas particularidades.

Com a palavra “revolucionar”, usada no verso acima, os Brôs deixam claro a sua vontade de mudar essa realidade, o que se confirma com o verso: *emopuã ne akã nde ne resaron* (levante sua cabeça se você chorar). A Aldeia é violenta, os G/K tradicionalmente precisam de espaço para plantar mandioca, milho, e feijão alimentos de primeira necessidade que os ajudam na sua subsistência e na preservação da própria cultura e preservar a cultura. Diminuir a violência e conseguir mais espaço fazem parte da revolução que pregam.

O termo “revolucionar” está ligado a religiosidade onde os *Brô MC's* demonstram que a religião representa uma forma de mudança, onde eles encontram uma saída para se livrarem das bebidas e das drogas. Notamos a presença de várias igrejas na reserva indígena, e que há um forte contato com a religião cristã, mostrando que a evangelização é importante para a comunidade, e observamos também que a maioria das igrejas são evangélicas, havendo somente uma casa de reza que fica localizada na aldeia Bororó, sendo que os batismos das crianças indígenas da etnia Guarani. A religiosidade está presente nos seguintes trechos: *Ajapo pro amor*.(Eu faço por amor) *Ehendu por favor* (escute, por favor) *oime ñande jara Pope*(Está nas mãos do Senhor). *Naiméi ajuka* (Não estou para matar) *Che ajerure ñande jara pe o mehendy hanguã* (Sempre peço a Deus que ilumine o seu caminho) *Nde rape há Che rape* (e o meu caminho) *emopuã ne akã nde ne resaron*(levante sua cabeça se você chorar) *Nande jara aveakje hase oinumpa jave chupê* (Jesus também chorou quando ele apanhou) *Che ro henoi e ju orendive*(Nós te chamamos pra revolucionar).



Igreja Evangélica-1ª Congregação
Foto: Sandra Samudio Rodrigues, 2014

Nesta letra, nota-se o uso de elementos linguísticos de línguas diferentes, principalmente das línguas portuguesa e guarani. Isto também é uma característica da literatura marginal que usa vários símbolos como representação da mistura de outras culturas, nesta música observa-se a influência do processo de globalização da cultura, pois o rap é uma melodia Americana empregada para tratar de assuntos locais. *Ape Che rap ndopai* (*Aqui o meu rap não acabou*) *Ape Che rap oñembyru* *Aqui o meu rap está apenas começando* *Ajapo por amor ehendu faz favor oime ñande jára pope*

Os versos acima são compostos por palavras da língua inglesa: *rap*, da língua

portuguesa: por amor, por favor e da língua guarani. Essa mistura de línguas é característica da literatura pós-moderna em decorrência da globalização que permite a circulação de elementos culturais de várias culturas. A música congrega traços culturais da cultura americana, brasileira e guarani. Isto demonstra as características da literatura pós-moderna e também a habilidade dos autores em lidar com esses elementos diversos.

O grupo de *rap Brô MC's* usa símbolos diferentes, ou seja, elementos de outras culturas para representar a sua arte eles demonstram que o sujeito pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, há em nós identidades contraditórias empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Os índios da Reserva Indígena de Dourados-MS, são bem diferentes dos índios do século passado, pois viviam em suas ocas se alimentavam da caça e da pesca, hoje eles têm acesso a *email, facebook, smarphone* e à Universidade, tudo isso acontece devido o momento histórico que estamos vivendo da pós-modernidade e da globalização.

Nessa música e nessa letra pode se ver todo o poder criativo dos Brôs, fazem rimas em português com guarani, usam uma melodia americana para falar dos problemas, fazem vídeos, shows, incorporam a dança, a roupa, os gestos de outras culturas e os misturam com motivos guarani. O efeito do vídeo realizado na aldeia mostra a criatividade dos indígenas em lidar com essa diversidade de símbolos culturais, linguísticos, musicais para fazer uma obra de arte.

3.2 Análise da música *No Yankee*

No Yankee

(Artista: *Fase Terminal*, participação grupo *Brô MC's*)

Jaha javya, Jaha javya, oñondivepa, oñondivepa (4X)

(Vamos ser felizes todo mundo junto).

De Dourados para o mundo, *Fase Terminal* e grupo *Brô MC's* a fusão.

Che Rap arechuka pé'eme ke tanto ara há karai omé'e oiko onhondivepa (Nesse rap eu mostro pra vocês que o índio e outros povos podem viver juntos).

Yankee no muthafuck, it's my zone, ciclone extra tropical no teu fone, corrente ascendente, latina e raivosa, motim anti americano, cano de esgoto jorra, vomitando em toda *Gaya* corrosiva Coca Cola, *peti, pedi, cred, mac, MCDonald's* se insere, códigos de barra em série

quem sera que vai que sobra? *Tree, two, one*, contagem regressiva, isso não é um game ta valendo sua vida, se julga liberta, esperta até que ponto?, não passa primeira fase, *Fase Terminal* confronto, pronto pra morrer por um pouco de respeito, ritmo é africano perifa *word* o gueto, *gangsta* latinos *thugs*, talento além da prova, *fuck, fuck, fuck*, enlatados *pop* droga.

REFRÃO

Jaha javya, Jaha javya, oñondivepa, oñondivepa (4X)

(Vamos ser felizes todo mundo junto)

Estou aqui começando a rima *che* (eu), *ha´e* (eles/elas), *ñande* (nós), *javya* (alegres) e na hora da rima não vem que não tem *ndaipori mavea* (não tem pra ninguém), não tem pra ninguém, a nossa rima aqui é forte é da boa, *japorahei* (cantar), nunca a toa, essa rima *guaraní kaiowá* eu ofereço aos manos do *Fase Terminal jaha ñande guerra* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica).

REFRÃO

Jaha javya, Jaha javya, oñondivepa, oñondivepa (4X)

(Vamos ser felizes todo mundo junto).

Agora essa rima vai pro mano Luiz, Diego que tão sempre na correria, tem uns mano na reserva que tão sempre correndo atrás do sonho e eu sou mais um, que esse *rap* fica na memória da aldeia *jaha ñande guerra* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica).

REFRÃO

Jaha javya, Jaha javya, oñondivepa, oñondivepa (4X)

(Vamos ser felizes todo mundo junto).

Estou aqui começando dinovo essa rima pra vocês, *che* (eu), *ha´e* (eles/elas), *ñande* (nós), *javya* (alegres), que aqui na reserva também tem *b.boy, skatista* e eu que mando a rima, *jaha ñande guerra* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica).

REFRÃO

Eu sou da América do Sul, sei vocês não vão saber, não precisam mais temer, não precisam da solidão, todo dia é dia de viver, todo dia é dia de viver.

As mesmas estratégias usadas para elaborar a música *eju orendive* são utilizadas na música *Yankee*, porém nessa segunda música enfatizam a influência da cultura americana e

da língua inglesa com mais veemência. *Yankee* é um termo usado para se referir aos americanos e *muthafuck* é um termo pejorativo usado pela literatura marginal americana, uma variante de *mother fucker* (filho da puta). A expressão *it's my zone* tem a ver com territorialidade, os grupos sociais defendem seu espaço. Os símbolos do capitalismo e da cultura americana como Cola cola, *MacDonaldes* são utilizados como símbolos para construir sentido para uma crítica social. Globalização. Tem acesso a televisão, a rádios. *Gangsta (gagster)*, é uma crítica a cultura consumista, mais uma característica da literatura marginal.

No trecho a seguir percebe o esforço para adaptar expressões da cultura envolvente para o contexto da cultura e da língua guarani. *ha´e* (eles/elas) *ndaipori mavea* (não tem pra ninguém) *japorahei* (cantar) *porahei* significa cantar, mas no contexto indígena tem a ver com rezar também. *jaha ñande kuera* (vamos nós) *kuera, kuera* = indicador de plural. A criatividade em usar elementos culturais e lingüísticos que não pertencem nem a cultura e nem a língua.

Estou aqui começando a rima *che* (eu), *ha´e* (eles/elas), *ñande* (nós), *javya* (alegres) e na hora da rima não vem que não tem *ndaipori mavea* (não têm pra ninguém), não tem pra ninguém, a nossa rima aqui é forte é da boa, *japorahei* (cantar), nunca a toa, essa rima guaraní *kayua* eu ofereço aos manos do Fase Terminal *jaha ñande guera* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica).

Agora essa rima vai pro mano Luiz, Diego que tão sempre na correria, tem uns mano na reserva que tão sempre correndo atrás do sonho e eu sou mais um, que esse *rap* fica na memória da aldeia *jaha ñande guera* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica).

Estou aqui começando dinovo essa rima pra vocês, *che* (eu), *ha´e* (eles/elas), *ñande* (nós), *javya* (alegres), que aqui na reserva também tem *b.boy*, skatista e eu que mando a rima, *jaha ñande guera* (vamos nós), todos em pé, que agora a rima é em *guaxiré* (dança típica). Por fim, eles misturam letras já consagradas para dar efeitos de sentido.

No trecho a seguir eles exaltam a latinidade, o orgulho de ser índio, e latino americano, a música é um pedido de união e de convivência entre as culturas e diz que a aldeia já tomou esse caminho, pois nela encontram-se elementos de culturas diferentes, línguas diferentes sujeitos que vivenciam esse momento histórico pós-moderno e globalizado. *Eu sou da América do Sul, sei vocês não vão saber, não precisam mais temer, não precisam da solidão, todo dia é dia de viver, todo dia é dia de viver.*

3.3 Análise da música Terra Vermelha

Terra Vermelha

Terra vermelha do sangue derramado

Yvy pytã tyguy ñehêakue

Pelos guerreiros do passado massacrado

Umã Ava mbarete ante ñande omanó

Fazendeiros mercenários latifundiários

Fazendero mercenário latifundiário.

Vários morreram defendendo sua terra

Heta omanó oñorarõ ijyyvy-re

Onde vivo aldeia já existiu guerra

Che Aiko hape aldeia oĩva'kue ñorairõ

Terra onde nascemos e vivemos

Yvy ñande reñoĩ há jaiko hape.

Com etnias guarani, Kaiuá e terrenos

Avá guarani, kaiová há terenokuéra

Tudo se passou, a realidade vem chegando

Opáichagua ohasa ko'anga-gua oguahéina

Na voz do Brô pintados pra batalha

Brô purahe'i oñepinta oñorarõ hagua

Eu peço a Deus que ilumine meu caminho

Che ajerure ñande jará-pe omohendy hagua Che rape

Onde eu estiver eu nunca estarei sozinho

Mo'õpa aimẽ Che ndaime mo'ãi cheaño

É eu nunca estarei sozinho

Há'e Che ndaime mo'ãi cheaño

Sei que não é fácil sei que nunca foi

Aikua'a ndaifáiri nunca nadaha'ei
 Corrói o coração quem é dono dos bois
 Ombojepy'apy umĩ vaka jará korasõ
 As lembranças dói nas histórias contadas
 ñemandu'á hasy umĩ ñemombe'upyre-re
 Pelos pagés de nossas terras roubadas
 Umĩ ñande Ru guasu ñande yvy-gui oñemondá
 Anos 70 dezenas de famílias cada vez mais exprimidas
 Roý papokoĩ heta ogayguakuéra ojejopy
 Nos fundos das fazendas
 Umĩ fazenda rugua-re
 Foram separadas em oito aldeias
 Ojesepará poapy aldeia-pe
 Ignoram nossa cultura
 Nomomba'ei ñande reko
 Nos jogando numa teia
 Ñande mombo peteĩ piquete-pe
 Roubaram nossa terra
 Omondá ñande yvy
 A nossa cultura
 Ñande reko
 Essa é minha sina
 Ko'a Che rekove
 Junto com a família
 Che roga yguakuéra ndive
 Tomando minha xixá
 Há'yu Che chicha

Estou aqui em cima sem a minha flecha

aimẽ ape yvate Che hu'y eỹre

Mandando a minha rima...

Amusa Che ñe'ẽ johaichagua.

A linguagem metafórica é uma característica da literatura de um modo geral e também da literatura marginal, porém a construção de metáforas na literatura marginal possibilita a criação de imagens na mistura de elementos diversos. Além disso, a literatura marginal, apesar de usar elementos de várias culturas, exalta o lugar onde se nasce, os antepassados.

Analisando o seguinte trecho da música, os Brô MC's relatam a luta pelas terras entre índios e fazendeiros. Abordam temas sociais que é uma das características da literatura marginal, como demonstram os seguintes trechos. *Umĩ Ava mbarete ante ñande omanó*(Pelos guerreiros do passado massacrado) *Fazendero mercenário latifundiário*(Fazendeiros mercenários latifundiários) *Heta omanó oñorarõ ijyvy-re*(Vários morreram defendendo sua terra) *Che Aiko hape aldeia oĩva'kue ñorairõ*(Onde vivo aldeia já existiu guerra) *Omondá ñande yvy*(Roubaram nossa terra)

Neste trecho, o grupo Brô MC's aborda a importância da religião na reserva indígena de Dourados, eles acreditam muito na religiosidade como uma forma de mudança. Por isso, notamos a presença de tantas igrejas na reserva e algumas ainda estão inacabadas. Na Reserva também há uma casa de reza, e quem geralmente faz o Batismo é "Dona Teresa" assim conhecida pelos indígenas. Ela relata que assim que nascem os descendentes da cultura guarani eles são batizados entre os 6 meses à 1 ano de vida, e afirma que quem é batizado dificilmente optará pelo vício pela bebida alcoólica e pelas drogas. *Che ajerure ñande jará-pe omohendy hagua Che rape* (Eu peço a Deus que ilumine o meu caminho) *Mo'õpa aimẽ Che ndaime mo'ãi cheaño* (Onde eu estiver eu nunca estarei sozinho) *Há'e Che ndaime mo'ãi cheaño* (É eu nunca estarei sozinho).



Casa de Reza da Aldeia Indígena Bororó
Foto: Sandra Samudio Rodrigues, 2014

No trecho a seguir, notamos que o grupo de *rap Brô MC's* fala da realidade de sua aldeia, da luta entre fazendeiros e índios pelas terras que foram tomadas. Na verdade desde quando os portugueses chegaram ao Brasil os índios já estavam aqui, Com a chegada do homem “branco” e o progresso da cidade o índio foi escravizado, catequizado e assassinado, dessa forma houve uma diminuição muito absurda da população indígena no nosso país. E a luta por causa das terras continua até hoje, assim o grupo *Brô MC's* são um exemplo dessa minoria que luta pelos seus direitos e usa a música como um instrumento de reivindicação dos problemas vivenciados na aldeia. Para demonstrar essa luta usamos os seguintes trechos *Yvy pytã tyguy ñehẽakue* (Terra vermelha do sangue derramado) *Umĩ Ava mbarete ante ñande omanó*(Pelos guerreiros do passado massacrado *Fazendero mercenário latifundiário* (Fazendeiros mercenários latifundiários) *Heta omanó oñorarõ ijyvy-re* (Vários morreram defendendo sua terra) *Umĩ ñande Ru guasu ñande yvy-gui oñemondá* (Pelos pagés de nossas terras roubadas)

Nessa letra podemos perceber que os *Brô MC's* usam todo o seu poder de criatividade usam uma melodia americana para falar de seus problemas, fazem vídeos, usam elementos de outra cultura, incorporam a dança, as roupas e misturam com motivos guaranis. O efeito do vídeo realizado na aldeia mostra a criatividade dos indígenas em lidar com essa diversidade de símbolos culturais, linguísticos, musicais para fazer uma obra de arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de literatura marginal, de identidade, de globalização foram fundamentais para a compreensão das músicas analisadas e para a percepção da criatividade dos autores. O grupo de *rap* Brô MC's faz parte desse momento histórico muito importante da pós-modernidade que permite dar voz e vez aos anseios dos grupos marginalizados existentes em nosso país como no caso dos indígenas mencionados neste trabalho. Neste contexto observamos que os Brô MC's usam da criatividade para protestar e falar da sua realidade. Notamos também que apesar desse processo de mudança na sociedade devido a globalização os indígenas não perderam sua Identidade lutam pela preservação da sua cultura. Percebemos que as letras de músicas evocam a ideia de luta pelas melhores condições de vida para a população indígena eles usam suas músicas como um instrumento para reivindicar e falar da sua realidade. Segundo a pesquisa comprovamos que a sua obra pode ser considerada uma Literatura Marginal, ou seja, uma Literatura que é produzida na periferia.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRAND, A. J. . **Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS**. Tellus (Campo Grande), Campo Grande, v. 6, n.1, p. 137-150, 2004.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. **Aspéctos Históricos do Povoamento e da Colonização do Estado de Mato Grosso do Sul**: destaque especial ao município de Dourados. Dourados, 1988.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro-11ed. Rio de Janeiro: DE&A, 2006.

CENSO IBGE INDÍGENAS 2010. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>> Último acesso em: 17 de Dezembro. 2014.

MAIO, Sandro Roberto. Imagens em Walter Benjamin: universo ficcional e Literatura. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_anteriores/n2/download/estudos_benjamin.pdf> Último acesso em: 10 de Agosto. 2014.

MIRANDA, Waldilene Silva. **Diálogos possíveis: do rap à literatura marginal**. Darandina Revisteletrônica, Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF - volume 4 – número1. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/06/Di%C3%A1logos-poss%C3%Adveis-do-rap-%C3%A0-literatura-marginal.pdf>> Último acesso em: 19 de Julho. 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHADEN, Egon. **Aspéctos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: EPU, 1974.

SILVA, Washington Luiz Alves da. **Geopolítica de Mato Grosso do Sul**: Geo-História Regional. Dourados: Sistema 2000.

ROSA, Eduarda. **Em entrevista, Brô MC's fala da vida na aldeia: “o índio movimentou o bolso do patrão lá fora”**. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/especiais/entrevistas/em-entrevista-bro-mc-s-fala-da-vida-na-aldeia-o-indio-movimentou-o-bolso-do-patrao-la-fora>> Último acesso em: 16 de Maio. 2014.